I

Enquanto um Pato Banton ao canto conta
sua longa vida, Manu Chao espia
a urbe de São Paulo luzidia,
esguia. E no outro canto aperta as ponta,

um cara, ator, um tal que já fez ponta
nuns cinco curta. Às vinte. A noite é fria.
A Babilônia linda e alada mia;
no seu colar de ruas cada conta

é um semáforo, ou um foro, ou fila,
e as gentes as correntes. – Meu, se pã
tem festinha na Augusta e é tudo free lá!

– Não, está tendo aquela no Copan!
– Não, da última vez que eu fui eu sofri lá,
melhor ficar no chope e no Chopin!

I

Teus os olhos sob túneis e marquises
me fazendo ir, e assim tua mão é bre-
que ao meu pneu que queria sim ser só lebre
solta, e devaneio, sem freio, ligas, dizes

virás? e remédias as cicatrizes,
pingas soro entre a poluição, a febre
tiras. Não há estouro que celebre
mais que buzinas tua voz. E diriges

a mim teus saltos altos, trazes lanche,
e não há sobretudo que eu não manche,
nem poréns, nem vias vias, nós dois a sós, *pero*

no mucho, e aí o destino avança próspero
quando apontas o céu sujo e, já que é lite-
ratura, passa a cauda de um satélite.

pokan laranja

Ana Amália Alves ¹

Faltam-te palhaços e teatro
Onde está teu riso, ó Marília?

Proibido é palavra que pisca
placas repetitivas
por tuas ruas-artérias
– eu mandava cintilar –
em teus condomínios-poros
– de pedrinhas de Itabira –
nas tuas pokans-enzimas
– nostálgicos braços do oriente.

Quiseram-te símbolo de amor e liberdade
Mas tatuaram tua pele cor de café:
É proibido.

Marília, como explicar-te em versos
habitáveis de estrela se
teu casulo
é o mais duro do velho oeste?

Espero-te na estação de Dirceu
Para trançar tuas sedas-pelo
amanhecer infinito e laranja
– ainda não sabes possuir.

Sou tua filha.
Posso abrir o pote de ouro
no pé do arco-íris?

¹ E-mail para contato: anaamaliaalves@hotmail.com.